

Jacek PLECINŹSKI
Universidade Nicolau Copérnico
Toruń, Polónia

**QUEM VIVE NAS PROFUNDIDADES DA TERRA
DEBAIXO DO CASTELO DE S. JORGE?
(UMA VIAGEM AO FIM DA PALAVRA)**

Resumo: No romance *Terramoto* de Vitório Káli observam-se três mundos distintos. Pelo menos um deles é, na sua totalidade, fantástico. Para o descrever, o Autor criou vários termos específicos. O objectivo desta palestra é observar como esses termos foram traduzidos para polaco e para romeno pelos respectivos tradutores.

Palavras-chave: neologismo do autor, efeito de estranheza, glossário de palavras, anotações, estratégia do tradutor.

Title: Who lives in the depth of the Earth under St. George Castle in Lisbon?

Abstract: Vitório Káli's novel *The Earthquake* (Terramoto) describes three different universes, and at least one of them is a quite fantastic one. The Author invented a lot of strange terms to do it. In this paper we intend to see in which way translators into Polish and Romanian have chosen to translate these terms.

Key words: author's neologism, foreignization, glossary of terms, footnotes, translator's strategy

No ato de traduzir – transmitir, transferir, trasladar, como queiram - um texto, uma idéia, um estilo e uma língua para outra, pode haver perdas e ganhos. Sabe-se que há livro que, traduzidos, ganham em beleza, fluidzez, elegância, enquanto outros perdem, acho que por inadequação ou falta de vocabulário na língua de chegada.

Rosa Freire d'Aguiar (ap. Marlova Aseff, ed.2004:63)

Traduzir, diz Franz Rosenzweig, é servir a dois amos: o estrangeiro na sua obra, o leitor no seu desejo de apropriação. Autor estrangeiro, leitor que habita a mesma língua do tradutor. Esse paradoxo provém de facto de uma problemática ímpar, duplamente sancionada por um voto de fidelidade e uma suspeita de traição. Schleiermacher (...) decompunha o paradoxo em duas fases: "conduzir o leitor ao autor", "conduzir o autor ao leitor".

Paul Ricoeur (2005:11)

Para respondermos à pergunta feita no título seria, obviamente, preciso pegarmos numa pá e cavarmos a suor na testa. Há alguns meses, para entrar dentro da incinta do Castelo, é preciso ter uma nota de cinco euros; mas isso não é muito, tanto mais que o nosso objectivo seja bem ambicioso.

Mas há também outra hipótese. No caso dela não precisamos nem de pá nem de cinco euros. Basta ler o original do romance de Vitório Káli *Terramoto* (1992; traduções romena e polaca de 2004) . Quem ler *Terramoto*, saberá que o interior da Terra, debaixo mesmo da cidadela dos mouros transformada pelo D. Afonso Henriques na residência dos reis de Portugal, está povoada de kális.

Terramoto leva - pelo menos – três mundos distintos. Um deles é, na sua totalidade, fantástico. Trata-se duma evocação do interior do nosso planeta, onde vivem os kális – o

nome desses seres fantásticos imaginados pelo escritor até lhe serviu de alcunha ou heterónimo. A insaciável imaginação do Autor forneceu dezenas de palavras inexistentes em dicionários de língua portuguesa.

O romance já foi traduzido para várias línguas estrangeiras (romeno, polaco, russo, esloveno, chinês, inglês na Grã Bretanha e nos E.U.A.), Nesta palestra a nossa atenção dirige-se para duas traduções: a nossa própria para polaco e a romena, sendo o romeno até hoje a única língua românica para a qual *Terramoto* foi traduzido. Quais foram as estratégias específicas dos tradutores? Vamos tentar apresentá-las; não se trata de modo nenhum de apontar com o dedo umas “boas” e “más” soluções na tradução.

Vitório Káli preparou um glossário de termos por ele utilizados para o uso dos tradutores do romance, quer dizer com a intenção de lhes dar uma ajuda para o entendimento de algum aspecto formal da sua literatura. Nós pessoalmente recebimos um tal glossário, a tradutora para romeno, Sra. D. Anca Milu-Vaidesegean recebeu outro, e os tradutores para as restantes línguas provavelmente receberam tais informações. O escritor apontou as palavras por ele inventadas e outras, às quais, embora existentes na língua portuguesa, tinha conferido alguma alteração semântica propositada. Fora disso, usou termos científicos raríssimos que surgem apenas em textos especializados.

Mas o texto original do romance não leva nenhuma anotação, nem em “subsolo” das páginas, nem no fim. Desta maneira as palavras pura e simplesmente inventadas, às vezes forjadas *ex nihilo* e cujo sentido não pode estar na mente dos leitores, não se encontram minimamente esclarecidas. Assim o quis o Autor.

Um tradutor é, por definição, um animal desconfiado. Não acredita sem restrições na sabedoria nem na sagacidade do leitor do livro que está a traduzir. Portanto, os tradutores para polaco e para romeno seguiram duas vias distintas. Nós pessoalmente imitámos o Autor quanto à ausência total de anotações. Mas introduzimos, no texto mesmo do romance, umas explicações – embora que muito abreviadas – que o Autor nos tinha fornecido no seu glossário já mencionado. Mais ainda, acrescentámos no fim da obra um paratexto com explicações (comentários, esclarecimentos). Só que nestas anotações do tradutor não se encontram explicações dos neologismos kálios, mas sim esclarecimentos sobre as *realidades* portuguesas de carácter topográfico (Baixa, Rossio, Elevador do Carmo, Castelo, Estoril), histórico (Descobrimientos portugueses, Preste João, D. Sebastião, D. João III), mitológico (Endovélico, divindade dos antigos lusitanos) ou meramente culinário (bacalhau). Abrimos uma só excepção para explicar o sentido do substantivo *comenta* (inventado por Vitório Káli): “é um cometa que leva uma cauda mais longa de que o costume”(cometa tem seis letras, *comenta* tem sete).

A tradutora romena seguiu outro caminho, fornecendo cinquenta e uma anotações em baixo das páginas. A origem das notas deixa-se reconhecer sem dificuldade: são explicações no glossário do Autor, embora não sejam todas (foram cento e dez). Vejamos por exemplo uns neologismos:

1)

orig. port. 1992, pág. 195

“Atravessaram o bosque de *clartínias* e *zunárceas* onde as lianas se emaranhavam por dentro dos frutos e lhes sugavam o mel”.

glossário do Autor:

“**Clartínias** – musgos que se entumescem na presença dos seres vivos”.

“**Zunárceas** – plantas produtoras de tumores de mel que formam redes arquitectónicas de eixos mineralizados”.

trad. romena 2004a, pág. 191

”Traversară pădurea de *clartínias* (nota) și *zunárceas* (nota) în care lianele se prindeau de miezul fructelor sugându-le mierea...”

(nota) „**Clartínias** (bot.) – mușchi care se tumefiază în prezența ființelor vii” (n.t.)

„**Zunárceas** (bot.) – plante melifere care formează rețele arhitectonice cu axe mineralizate” (n.t.)

trad. polaca 2004b, pág. 152

„Przeszli przez zagajnik pełen *pęczniejących mchów* i *zunarcyj*, gdzie liany wrzynały się w owoce i wysysały ich miód...”

Na tradução polaca encontram-se: uma palavra traduzida (*musgo – mech*) ampliada por um adjetivo esclarecedor (*pęczniejące mchy – ‘musgos que se entumescem’*) e um empréstimo lexical (*zunárceas – zunarcje*). Na tradução para polaco, as palavras inventadas pelo Autor levam características formais próprias da língua polaca: os substantivos possuem desinências polacas e ficam sujeitos à flexão nominal (como aqui: *zunárceas – zunarcje*, gen. plur. *zunarcyj*). Na tradução para romeno, língua na qual a flexão nominal encontra-se consideravelmente reduzida, características formais não obedecem à alguma regra constante. Há palavras transferidas tais quais do português para romeno, grifadas no texto e que levam plural à portuguesa: *clartinias, zunarceas, jarrios silvestres, taguaras*; há outras, „romenizadas”, que levam plural à romena: *pivocii, gnadii* (2004^a:139), port. *pivócios, gnádios*); há por fim palavras que parecem latinizadas: *ergitacee* (lat. *ergitaceae?*, port. *ergitácias*). Vejamos outras invenções de Vitório Káli, daquelas com alto nível de originalidade:

2)

orig. port.1992, pág. 50

“região *tárquida* dos *okaios*”

glossário:

“região subterrânea apontada ao Polo Sul e que é caracterizada pela abundância dos **okaios**, árvores gigantes que se deslocam lentamente”

trad. romena 2004a, pág. 48

“Regiunea *tarkidă* populată de *okaios* (nota)”

(nota) „Regiunea subterană din zona Polului Sud, caracterizată prin abundența arborilor **okaios**, copaci giganti care se deplasează lent” (n.t.)

trad. polaca 2004b, pág. 37:

„*Pęknienie* ciał gigantycznych drzew *okajów*”

3)

orig. port.1992, pág. 61

“Cardumes dos peixes corre[ra]m velozes de escamas *badernais* para o *numinal* estuário [do Tejo]”

glossário:

“Escamas cortadas em diagonal para melhorar a velocidade. **Numinal** (de *númeno*, conceito kantiano) exprime a coisa-em-si”: o estuário do rio devará ser considerado a sua própria essência, em si-mesmo, independentemente da sua forma”

trad. romena 2004a, pág. 59

„Bancuri de pești alergând în goană cu solzii în chip de vele spre estuarul numenal (nota)”

(nota) **Numenal** – adjectiv derivat de la conceptul kantian *numen* care desemnează lucrul-în-sine. În text, estuarul va trebui considerat ca fiind propria sa esență, independent de forma sa geometrică” (n.t.)

trad. polaca 2004b, pág. 48

Palavras-chave: *ławice ryb, skośne łuski, noumenciczne ujście rzeki*

4)

orig. port. 1992, pág. 175

“[O país de] Sabartez, naquele lugar, abria um campo de *rugatóis* e *taniácias* de pétalas de vários andares onde cantavam *estarjímios* de verde plumagem”.

glossário:

“**Rugatóis** – trepadeiras com pétalas de papel de seda que se esvoaçavam como seu comportamento se identificasse ao meio aquático.

Taniácias – arbustos de porte rezuzido, cujos pedúnculos nervosos, parecidos com membros humanos, sugeriam as ligações dos gastrópodos à rocha.

Estarjímios – pássaros do tamanho de avelãs que comunicam indistintamente com qualquer planta.

trad. romena 2004a , pág. 171

„... un câmp de *rugatois* (nota) și arbuști pitici cu petale în mai multe straturi unde cântau *estarjimios* (nota) cu pene verzi”

(nota) **Rugatois** – „Specie de plante agățătoare cu petale mătăsoase”.

Estarjimios – „Păsări de dimensiunea alunelor de pădure care intră în comunicare cu plantele”.

(**Taniácias** não levam nota; a metade da glossa do Autor foi para o texto mesmo.)

trad. polaca 2004a, pág. 136

„... pole rozmaitej roślinności o wielopiętrowych płatkach, wśród których śpiewały ptaki o zielonym upierzeniu”

5)

orig. port.1992, pág. 181

„Em Sabartez (...) em vez de um só [sol] giram vários, e também várias luas e satélites e *taguarás*...”

glossário:

“**Taguarás** - satélites invisíveis que, se não estivessem lá na sua órbita, determinariam a supressão das próprias luas – um sistema de apoios gravitacionais sucessivos”

trad. romena 2004a, pág. 176

„În Sabartez (...) în loc de un soare, se învârt mai mulți (precum și mai multe luni și sateliți și *taguaras*” (nota)

(nota) **Taguaras** (astr.) – sateliți invizibili care, dacă nu s-ar afla pe orbitele lor, ar determina dispariția lunelor înseși, creând, astfel, un si[s]tem de suporturi gravitaționale succesive” (n.t.)

trad. polaca 2004b, pág. 140

„... wiele księżyców i satelitów, widocznych i niewidocznych”

Omissão da palavra *taguarás*, atribuição das explicações presentes no glossário aos restantes elementos, *luas* e *satélites*.

6)

orig. port. 1992, pág. 61

“...muita gente sentira na véspera um activo *farejar de enxôfre e melíria*”

glossário:

“**Activo farejar** – intensa penetração dos cheiros de enxofre e melíria, semelhante à urina”.

(A palavra *melíria* não se encontra no glossário nem em dicionários de língua portuguesa.)

trad. romena 2004a, pág. 59

“... multă lume adulmecase în ajun un miros aspru de sulf”

Omissão da palavra *melíria*.

trad. polaca 2004b, pág. 48

“... ostry smród siarki i melirii”

7)

orig. port. 1992, pág. 103

“... grande Mãe da fertilidade, os seios túrgidos de leite e de mel e de *zúrbio* ...”

glossário:

“**Zúrbio** – minerais que existem nos seios das mulheres grávidas e lhes conferem poder maternal”

trad. romena 2004a, pág. 99

“... uriaşa Mamă a fertilităţii, sânii plini de lapte, miere şi *substanţe hrănitoare...*”
(Desapareceu *zúrbio* cuja explicação deslocou-se para o texto.)

trad. polaca 2004b, pág. 79

“... Wielka Matka Płodności z piersiami nabrzmiętymi od mleka, miodu i zurbium...”

8)

orig. port. 1992, pág. 123

“... e os Arcanjos com asas sinfónicas de *háfnio e margartitas*, e os Anjos nus hermafroditas com olhos de *xágara...*”

glossário:

„**Háfnio** é um metal raro de número atómico 72 empregue no fabrico de filamentos para lâmpadas incandescentes. Em determinadas regiões subterrâneas, os próprios filamentos se iluminam. O mesmo metal, no seu estado de transição para elemento líquido, chamo-o **margartita**. **Xágara** – inflorescência do coqueiro que fornece uma seiva assucarada [açucarada – J.P.] e que os indígenas do sexto patamar inferior de Thiokar utilizam para untar seus olhos lacrimejantes, conferindo-lhes uma aparência de espíritos perdidos.”

(No *Grande Dicionário de Português-Francês* de Domingos de Azevedo (1989) evidencia-se o verbete *jágara*: “*cassonade, sucre brut de canne à sucre*” („açúcar mascavado de cana”).

trad. romena 2004a, pág. 120

“... Arhanghelii cu aripi simfonice de *mărgăritare* şi *peruzele*, şi îngerii goi hermafrodiţi cu ochi de foc” („com olhos de fogo”).

Sem nota; *mărgăritar* é o nome romeno do *lírio dos vales*.

trad. polaca 2004b, pág. 95

„... Archanioły z symfonicznymi skrzydłami z *hafnium* i *margartytek*, czyli tegoż hafnium w stanie już półpłynnym, i dwupłciowe Anioły o *szagarowych* kokosowych oczach...”

A criação de neologismos pelo Autor não está privada, como se vê, de elementos lúdicos, especialmente no caso de parónimos ou de neologia semântica. A tradutora para romeno soube guardar esse aspecto. Outro efeito procurado por Vitório Káli foi o que, em teorias modernas da tradução, chama-se efeito de estranheza. O escritor gosta muito de palavras que levam letras ausentes do léxico português e que são: *k*, *y*, outras que são raras: *x*, *z*, ou que levam sequências raras senão impossíveis de letras: *gn*, *gl*, *bl* (*kórti*, *káli*, *kaniara*, *kyoris*; *torázios*, *zorípedes*, *zunárceas*; *gnótiá*, *gnádios*, *blabúcios*, *liuglous*). Esse efeito pode ser facilmente transferido para romeno, língua na qual as mesmas letras provocam um efeito de estranheza semelhante. Em polaco, as letras inhabituais deveriam ser outras (*v*, *q*, *x*).

Do ponto de vista do leitor, a tradução romena lê-se com saboroso prazer. A crítica e as teorias da tradução expõem vários pareceres acerca das notas em baixo do texto e acerca da introdução de explicações na matéria do texto. Os leitores podem não estar conscientes disso e aceitar as traduções tais quais.

Um filósofo francês da tradução, Henri Meschonnic, disse: “La traduction est une pratique du langage qui montre précisément ce qu’elle pense si bien cacher qu’elle même ne le voit pas” (2003:351). Seria que a prática de dois tradutores conscientes, da Sra. Milu e a nossa própria, possa enfraquecer senão invalidar tal opinião? Explode, às vezes, a prosa traduzida “de castelo em castelo”¹ sob a pena do tradutor apaixonado pelo seu ofício.

¹ Cf. “Se em *Viagem ao fim da noite* já se percebem todos os ingredientes da prosa celiniana, é em *De castelo em castelo*, que traduzi dez anos depois [publicado em São Paulo, Companhia das Letras, 2004], que essa prosa explode. Tudo o que faz a beleza e a força do estilo de Céline- as elipses, a sintaxe troncha, os duplos sentidos, a frase sem artigos, conjunções, preposições, até sem verbos – atinge nesse romance um vigor que dificulta ainda mais a tradução. O romance [*D’ un château l’autre*] conta a vida dos dirigentes de Vichy - o governo pró-nazista vigente em França de 1940-1944 – que, após o desembarque dos Aliados, tentam salvar a pele refugiando-se no castelo de Sigmaringen, no sul da Alemanha” (R. Freire d’Aguiar, *ap.* M. Aseff, 2004:98-99)

Bibliografia

ASEFF, Marlova, ed. (2004) *Memória de tradutora com Rosa Freire d'Aguiar*. Florianópolis, Escritório do Livro.

AZEVEDO, Domingos de (1988) *Grande Dicionário de Português-Francês*. Lisboa/Amadora, Bertrand.

KÁLI, Vitório (1992) *Terramoto*, Lisboa, Amadis.

KÁLI, Vitório (2004^a) *Cutremurul*, trad. Anca Milu-Vaidesezan. Cluj- Napoca, Dacia.

KÁLI, Vitório (2004b) *Trzęsienie ziemi*, trad. Jacek Pleciński. Poznań, Bene Nati.

MESCHONIC, Henri (2003 [1999]) *Poétique du traduire*. Lagrasse, Verdier.

RICOEUR, Pierre (2005 [2004]) *Sobre a tradução (Sur la traduction)*, trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa, Cotovia.